

MV., CP 1449, 01415 SP.

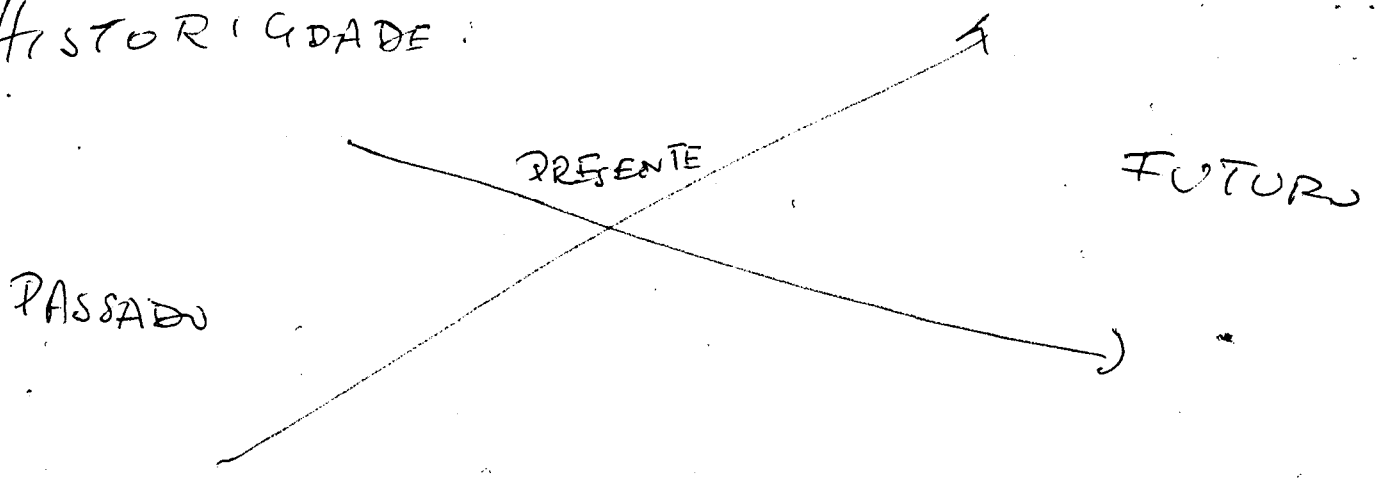
Meu caro amigo, como sempre, tua amizade tornou a estadia paulistana em evento empolgante, a despeito da minha cética incapacidade de respirar o ar paulistano. A coisa melhorou mas não se normalizou, embora tivéssemos passado quase uma semana no alto paiz de Berna, cercados de geleiras. O propósito desta carta é discutir contigo assunto que há anos me preocupa, a saber: historicidade:

Talvez voce saiba da minha tese, segundo a qual a consciência histórica, e portanto a história sensu stricto, estaria cedendo lugar à consciência estrutural, e portanto a "pos-história" (veja meu ensaio brasileiro neste sentido). Para a nova consciência o tempo linear não passa de uma das dimensões do dito "real", o que implica que que vivenciamos o mundo não mais enquanto processos entrelaçados (cadeias causais) mas enquanto contextos sobrepostos (fuzzy e overlap), aonde a causalidade passa a ser computação provável de acasos. Ora: tal "superação" da consciência histórica implica que tenhamos vivência muito aguda da historicidade. No meu caso, nasci em contexto saturado de história (todo passeio por Praga é lição do médio evo), e vivo em aldeia cujas origens se perdem no bronze. Meu caso é diferente: tua informação histórica é igual à minha, mas tua vivência é outra. Por isto, tuas reações aos fenômenos históricos me surpreendem sempre de novo. Não capto a tua desconfiança quanto à autenticidade de testemunhos históricos (haja vista tua desconfiança face a Pèch' Merle e aos monumentos paleocristãos em Albenga). Por outro lado, não compreendo tua vontade de incluir "milagres" nos fatos históricos, e isto me causa problemas. Voce insiste que me primo, na história de Jesus, deveria ter incluído a ressurreição, e, concluo, que voce gostaria que biografias de Augusto (quase contemporâneas) deveriam incluir a sua apoteose. Explico minha confusão, e peço que esclareças:

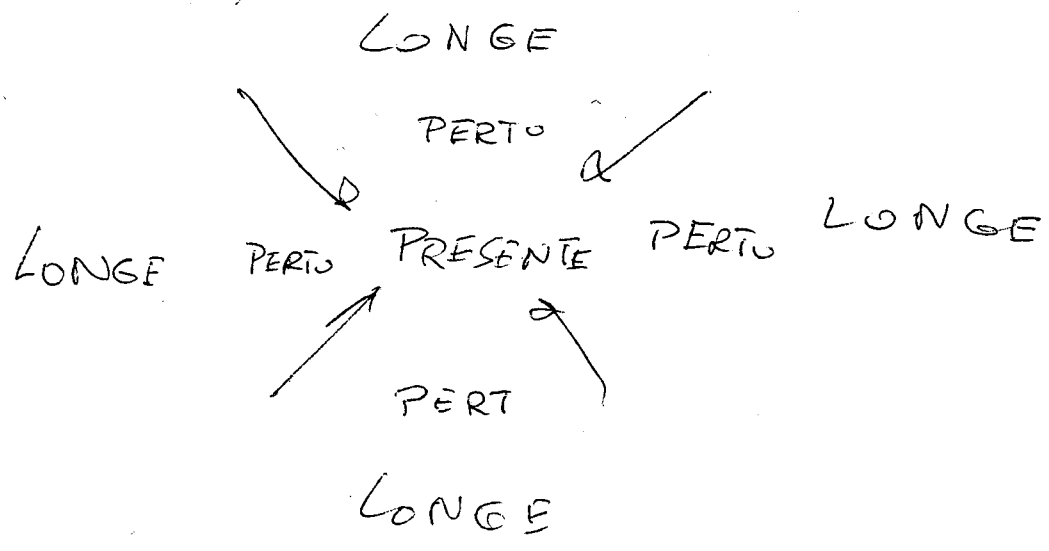
Para a consciência histórica "milagre" é evento ainda não causalmente explicado. Não pode haver milagres. Com efeito: história é progressiva desmitização, ou: progressiva substituição de relatos míticos por explicações lineares. Para a consciência mítica há dimensão "transcendente" que irrompe verticalmente. História é imanentização e logicização dos eventos. Daí Hegel: tudo que é lógico é, e tudo que é lógico. Com efeito: Hegel é consciência histórica em estado puro. Para a nova consciência a lógica enquanto estrutura do "real" cede lugar ao cálculo de probabilidade enquanto "mathesis universalis". Para "traz" tudo é explicável (em tese), para "frente" é apenas futurizável. O problema do conhecimento não mais é a verdade, mas a verossemelhança. Não se trata mais de distinguir entre verdade e erro, mas de definir com exactidão crescente a margem do erro. Em suma: enquanto "verdade" é meta do conhecimento historicista, para a nova consciência "verdade" passa a ser horizonte jamais alcançável da probabilidade. Isto implica que o tempo não mais é vivenciado enquanto tendência unívoca rumo ao futuro, mas enquanto apresentação de virtualidades que se aproximam de todos os lados. Tal visão "proxêmica" inverte a visão dos eventos: os remotos passam a ser explicáveis pelo recentes. Em outros termos: Pèch' Merle (e seus pré-columbianos) passam a funções da técnica moderna. Ou: o passado não é "em si", mas "para o aqui e agora".

Não continuarei, e espero que comentes; abraços amistosos.

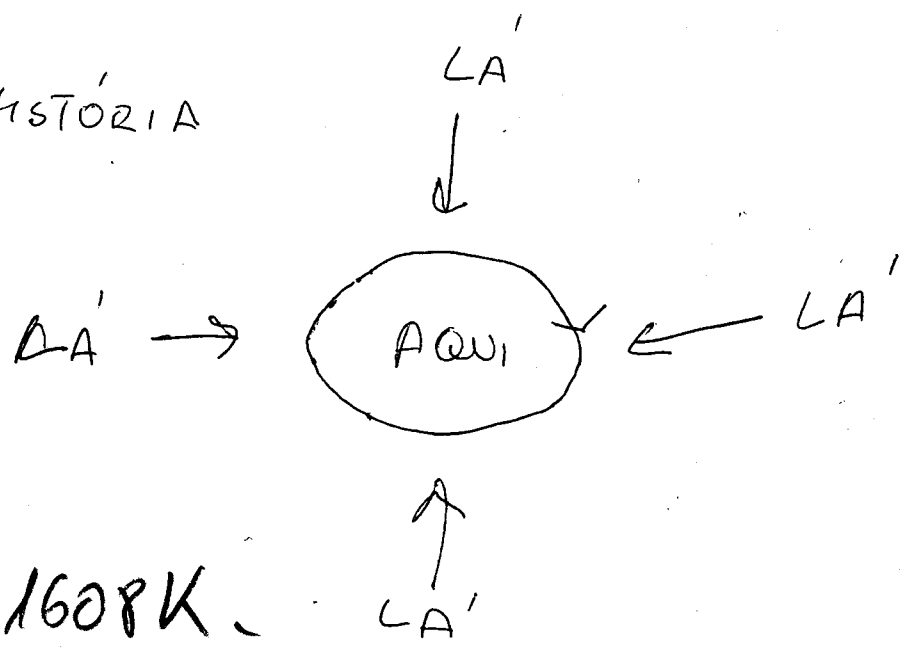
HISTORICIDADE:



POS-HISTORICIDADE:



PRE-HISTÓRIA



Best-1608K